

A close-up photograph of two hands, one from a darker-skinned person and one from a lighter-skinned person, reaching towards each other. The hands are positioned diagonally across the frame, with the fingers slightly curled. The background is a soft, out-of-focus light color. The text is overlaid on the image in three dark blue rectangular boxes.

UM ANDAR

MAIS PRÓXIMO

COM DEUS

*Que lição podemos aprender
com os patriarcas?*

Harry Foster

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”.

(Miquéias 6:8).

Direitos Autorais

Publicado como E-book

Por

Participantedecristo.com

Traduzido das mensagens originais em inglês:

A Closer Walk with God

Publicadas na Revista "Toward The Mark", Vol 11, volumes 2 a 6, no período de Mar a Dez de 1982. A versão digitalizada dessas revistas pode ser encontrada no site

Austin-sparks.net .

Tradução: participantedecristo.com

E-mail: contato@participantedecristo.com

Assim como T. Austin-Sparks, o irmão Harry Foster desejava que aquilo que recebeu gratuitamente fosse também assim repartido, e não vendido com fins lucrativos, contanto que suas mensagens fossem reproduzidas palavra por palavra. Por isso, pedimos que, se você deseja compartilhar essas mensagens com outras pessoas, por favor, respeite sua vontade e ofereça-os livremente - livres de alterações, de custos (exceto os custos de distribuição, caso necessário) e com esta declaração incluída.

Um Andar mais Próximo com Deus

Que lições podemos aprender na vida dos patriarcas?

Por Harry Foster

Publicado na revista "Toward the Mark", volumes 2 a 6, em 1982.

Enoque, Andando no Lar

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miquéias 6:8).

“Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si” (Gênesis 5:22-24).

“Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus” (Hebreus 11:5).

A primeira menção do Senhor em associação direta com o homem sugere que Ele estava acostumado a andar com Adão no jardim (Gn 3:8). Parece, então, que até a queda Adão andou com Deus. Depois de sua desobediência, entretanto, nunca mais o fez. Isso não significa necessariamente que Deus o abandonou, pois há uma grande diferença entre *o ser cuidado por Deus e caminhar com Ele*.

Enoque foi o primeiro dos descendentes de Adão *a andar com Deus* (Gn 5:24). Não estamos sugerindo que seus predecessores listados neste capítulo foram abandonados por Deus, mas Enoque se destaca dos demais pelo fato de ter sido o único nesse período que deliberada e constantemente trouxe prazer a seu Deus, andando em sintonia com Ele. A importância dessa diferença é enfatizada pelo fato de que, ao contrário do restante das pessoas, Enoque não morreu. Ele nunca viu a morte, mas foi levado diretamente para a glória celestial no final de sua caminhada terrena.

Nós, que temos a mesma esperança que Enoque, fazemos bem em buscar uma caminhada mais próxima de Deus. A Bíblia faz referência frequente à “caminhada” de um crente, e talvez a mais desafiadora de todas essas Escrituras seja o lembrete de que, se dissermos que permanecemos em Jesus Cristo, devemos andar “como Ele andou” (1Jo 2:6). Este é realmente um padrão elevado e seria impossível de ser alcançado se não fosse pela seguinte promessa de Deus: “*Habitarei e andarei entre eles*” (2Co 6:16). Talvez considerar a vida de alguns patriarcas que andavam com Deus durante suas vidas nos ajude a fazer o mesmo. Começaremos então, como a Bíblia faz, com o patriarca Enoque.

Sem dúvida, havia muitas características e atividades em sua vida que eram interessantes, mas pouco nos é dito a respeito. Porém, sabemos uma coisa que diz respeito aos seus assuntos domésticos: que ele andou com Deus em meio a sua própria casa. Não há sugestão de muitos eventos dramáticos em sua história, como aconteceu com Abel e Noé. A Bíblia não lhe confere um status especial, assim como fez com Abraão e Moisés. Aparentemente, ele era apenas um homem de família comum. E ainda assim ele foi diferente. Ele andou com Deus. Além disso, ele o fez em sua própria casa e entre seus próprios filhos. Paulo deixa claro em sua carta a Timóteo que nenhum homem é qualificado para servir Sua igreja se primeiro não aprende a andar com Deus em sua vida doméstica. Mas o lar nunca será de fato o lugar mais fácil para essa caminhada.

Além do mais, o mundo em que Enoque viveu certamente não era um lugar nada simples. Os homens daquela época viveram tamanho conflito com a vontade de Deus, que a única expressão de Enoque registrada se relaciona ao julgamento Divino. Nessa mensagem, registrada em Judas 15, a palavra “ímpio” é repetida não menos que quatro vezes em apenas um versículo. Ele viveu em uma “sociedade permissiva”, assim como nós vivemos nos dias de hoje, mas não capitulou com seus baixos padrões, certificando-se de que em sua casa e entre seus filhos o nome de Deus sempre fosse honrado e Sua vontade respeitada.

A sua família se multiplicou e cresceu. Ainda assim, Enoque continuou se mantendo perto de seu Senhor. Obviamente, é uma característica óbvia do movimento da caminhada que isso só pode ser feito um passo de cada vez. Foi somente no final de seu curso que Enoque foi levantado e levado por Deus. Até então, seguiu seu curso com ações pequenas, deliberadas e repetidas – continuou andando. A vida de fé não consiste em constantes arrebatamentos, mas exige, pelo contrário, um passo firme da parte do homem que, esperando em Deus, é capaz de “caminhar e não se fatigar” (Is 40:31).

O salmista peregrino disse que a Palavra de Deus é uma lâmpada para seus pés, bem como uma luz para seu caminho (Sl 119:105). Não basta ter uma luz geral que indica o caminho; também precisamos ser esclarecidos quanto a cada passo. Isso está incluído no mandamento Divino de andarmos “na luz”. Isso não quer dizer que alguém deva ser governado por tal excesso de cautela, a ponto de isso implicar em tensão, ou até mesmo em paralisia. Caminhar é um dos mais naturais e espontâneos de todos os movimentos adiante. O homem que tentar ser super-espiritual tenderá a transformar numa crise cada passo proposto, e se sentirá impelido a ter uma sessão de oração prolongada antes de fazê-lo. Se Enoque tivesse agido assim, não seria um bom homem de família e certamente não teria sido feliz.

“Andemos dignamente, como em pleno dia” (Rm 13:13). Andar com Deus significa estar sempre aberto à Sua Palavra, sempre sensível e receptivo a ela. Para o homem que anda dessa maneira, não pode haver subterfúgios, mente fechada e falta de vontade de sofrer correção.

É interessante que, ao escrever sobre “andar na luz”, *João deixe claro que o homem que o faz não é de forma alguma irrepreensível*. Pelo contrário, ele *precisa e pode ter a certeza de que o sangue de Jesus Cristo continua o purificando de todo pecado* (1Jo 1:7). O pecado mais flagrante de todo cristão é o da *incredulidade*. Enoque é o grande exemplo de um homem que obteve a vitória sobre esse pecado em específico – ele foi o primeiro homem a andar pela fé. Essa é a qualidade enfatizada na referência feita a ele em na epístola aos Hebreus, no capítulo 11, nos versos 5 e 6.

A fé de Enoque é apresentada a nós nos termos mais simples. Antes de tudo, ele acreditava que Deus existia. Pode parecer absurdo sugerir que um homem que estivesse andando com Deus deveria travar uma batalha da fé sobre essa questão, mas é claro que isso representava não somente a existência de Deus, mas também enfatizava Sua presença constante e total suficiência como o Divino EU SOU. O jovem crente, entusiasmado com a realidade de suas novas experiências, achará difícil acreditar que um homem que esteja andando com Deus há muito tempo possa dar lugar a dúvidas sobre esse assunto. No entanto, sugiro que até o fim daqueles trezentos anos de caminhada espiritual, Enoque *precisou exercer uma fé agressiva quanto à proximidade e realidade de seu Companheiro Divino*. Quando um cristão desfruta da experiência de subir com asas como águias, consegue correr e não se cansar, ele ainda assim precisará de fé para *“caminhar e não se fatigar”*. Um homem assim não tem sentimentos interiores, nem encorajamentos exteriores para ajudá-lo, mas precisa ser *estável e perseverante com Deus*, lembrando-se constantemente de que DEUS É. Não somos informados de nenhuma prova especial encarada por Enoque, mas, como Abraão, Jacó e José tiveram que enfrentar profundas provações, podemos concluir com razão que Enoque também não foi privado delas.

O outro fator mencionado em relação à fé de Enoque é que ele acreditava que Deus recompensaria aqueles que nEle centrassem suas vidas. Isso também pode parecer implícito em um conceito ainda elementar de fé, mas geralmente se torna uma questão de verdadeiro conflito interior.

O fator chave na fé de Enoque foi que ele estava convencido da vinda do Senhor. Ele profetizou e insistiu ousadamente que isso representaria julgamento sobre os inimigos de Deus. Se isso fosse verdade, então certamente também deveria envolver bênção para os amigos de Deus. *A fidelidade nem sempre traz uma recompensa imediata; o homem que anda com Deus pode não ser prontamente vindicado; a suprema*

convicção de alguém assim deve estar *na glória final* que se encontrará no fim do caminho. Foi assim que aconteceu com Enoque. De uma maneira muito mais elevada, isso também aconteceu com nosso Senhor Jesus. Nossa mais grandiosa prova pode muito bem ser nos mantermos no caminho da vontade de Deus, acreditando que, no final, Ele será nosso grande Galardoador.

Será que essa caminhada nos parece um tanto sombria? Isso não deveria ser verdade pois, como já dissemos, Enoque era um homem feliz. Feliz em sua casa e com seus filhos, porque ele era antes de tudo feliz com seu Deus. Algum tempo antes do fim da caminhada de sua vida, ele percebeu que estava trazendo prazer ao Seu coração. Não pode haver maior alegria para um homem espiritualmente sensível do que ter essa garantia. Podemos ter certeza de que, como Abel, que foi o primeiro homem de fé, Enoque também conheceu a sua aceitação por Deus em virtude do sacrifício de sangue, mas chegou um momento em sua vida que seu senso de perdão e reconciliação foram seguidos por um compromisso sincero com o amor Divino. *Enoque não andou com Deus porque precisava, mas porque desejava.* Ele “andou em amor”, concedendo a Deus uma total confiança, como se andasse de mãos dadas com Ele.

Deus ama ser considerado confiável. Ele ama ser amado. Quem não ama? *A caminhada da fé nunca deve ser uma caminhada de dever, mas sim uma caminhada de feliz comunhão.* Certamente foi assim que o Senhor Jesus andou. Ele sabia, de uma maneira que Enoque nunca conseguiu, quão satisfeito o Pai estava com Ele, e assim foi ungido com “*óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros*” [Hb 1:9]. Deve ter havido um fator especial de amor na família de Enoque, pois quem sabe que o sorriso de Deus está sobre si, se torna uma pessoa que transborda em amor pelos outros. No entanto, aqui novamente, Enoque é um desafio para nós, pois não é incomum que um cristão radiante e extrovertido, seja um pouco menos do que gracioso nos contatos diários com membros de sua própria família. Não sabemos nada sobre outras obras de Enoque para Deus, mas somos informados de que, entre seus próprios filhos e em seu próprio lar, ele andava com Deus e era agradável a Ele.

Isso nos leva a mais uma característica da caminhada do cristão, a saber, que ele deve andar pelo Espírito. Enoque não viu uma Pessoa. Não está registrado na Palavra que ele teve uma visita celestial, como aconteceu com Abraão. Devemos presumir, então, que foi o Espírito Santo que tornou Deus real para ele. *Visto que somos informados de que aqueles que não estão no Espírito não podem agradar a Deus (Rm 8:8) e Enoque O agradou, o patriarca deve ter andado pelo Espírito.* A verdade é que não precisamos apenas da orientação do Espírito para andar com Deus, mas também precisamos da força do Espírito para ter capacidade para fazê-lo. Aceitamos prontamente o fato de que precisamos do poder do Espírito para fazer qualquer

trabalho especial para Deus e precisamos do Seu poder para testemunhar ao mundo, mas não devemos ignorar o fato de que, para viver nossa vida doméstica comum, só poderemos andar com Deus se formos verdadeiramente governados e capacitados pelo Espírito.

Moisés foi um homem que tinha muita experiência em andar com Deus e foi ele quem transmitiu a mensagem Divina a Aser: “A tua força *será* como os teus dias” (Dt 33:25 – ARC). No verso anterior, ele descreveu *como* Aser poderia obter essa força diária: “*banhe em azeite o seu pé*” [vs 24]. É a parte de Deus nos dar a força do Espírito, mas é a nossa parte fazer apropriação diária dela. O homem que, espiritualmente, “*banha em azeite o seu pé*” todos os dias, é aquele que encontrará poder suficiente para atender às demandas da caminhada daquele dia com Deus.

O cristão não é meramente convidado a andar pelo Espírito, mas é ordenado a fazê-lo. Pode não ser algo fácil, mas é simples. Foi para esse mesmo propósito que o Espírito foi “convocado” para nos ajudar em nossa caminhada. O fim dessa jornada é a glória, como Enoque descobriu. Nenhum de nós invejará os muitos anos daqueles outros homens listados em Gênesis 5, pois mesmo quem viveu mais tempo, terminou seus dias na morte. Todos nós certamente desejamos ser como Enoque. Embora nossa vida seja mais curta que a de nossos contemporâneos, desde que passemos de caminhar com Deus em nossos próprios lares para um eterno andar de amor com nosso Senhor em Seu Lar, isso será uma recompensa suficiente para nós. A experiência de Enoque visa inspirar-nos com uma esperança como essa. *Enoque andou com Deus; Enoque teve a alegria de ser agradável a Deus: Enoque andou e viveu pela fé. Assim também devemos nós andar.*

Texto homônimo de Harry Foster, publicado na Revista “Toward The Mark”, Vol 11, no. 2, Mar-Abr de 1982.

Noé, Andando e Trabalhando (Gn 5:28 a 9:29)

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miquéias 6:8).

“Eis a história de Noé. Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus” (Gênesis 6:9).

A Palavra nos diz que Noé é o segundo homem que andou com Deus e, ao contrário de Enoque, conhecemos bastante sua história pessoal. Em certo sentido, ele foi um profeta e também um pregador, mas a maior parte do seu tempo foi ocupada com trabalhos manuais. Ele foi carpinteiro, guardião de animais e agricultor.

Na linguagem evangélica moderna, Noé provavelmente não seria descrito como um ‘obreiro de tempo integral’, mas certamente dedicou todo o seu tempo ao trabalho consciente e fez tudo “como ao Senhor”. Ele viveu pela fé (como todos devemos fazer) e serviu aos propósitos de Deus de maneira notável. Se Enoque é um exemplo de homem que andava com Deus em seus assuntos domésticos, então Noé nos mostra como andar devemos com Deus em nossa vida cotidiana. Ele era um homem muito ocupado, mas sempre tinha tempo para Deus.

A graça o encontrou. As Escrituras explicitam o contrário (Gn 6:8), mas é realmente a mesma coisa. A graça garantiu que qualquer mistura que pudesse ter entrado na raça humana durante o misterioso casamento entre os filhos de Deus e as filhas dos homens (Gn 6:1-4), não contaminasse o sangue de Noé, pois ele era considerado “*justo e íntegro entre os seus contemporâneos*” (Gn 6:9). Sua experiência na graça o levou a caminhar com Deus, mas, no sentido mais verdadeiro da palavra, não foi ele que escolheu Deus, foi Deus que o escolheu para servi-Lo e caminhar com Ele.

Todos os crentes têm o direito de reivindicar que, pela graça, tenham uma caminhada na companhia de Deus preparada para eles antes mesmo de darem o primeiro passo de fé. Mas a fé deve *se apropriar* daquilo que a graça provê. O primeiro passo na peregrinação espiritual deve ser seguido por um novo passo, e mais outro, sustentando a caminhada com Deus em todas as circunstâncias da vida. Não bastava homem ter um nome especial, encontrar graça aos olhos do Senhor, ser justificado e receber um atestado de saúde espiritual; ele precisou continuar dando passos deliberados de fé e obediência – para andar com Deus.

Qualquer que tenha sido a ajuda que ele possa ter tido na efetiva construção da Arca, ainda assim a Bíblia o designou como o construtor (Gn 6:14). Podemos considerar que Enoque foi o primeiro em uma longa fila de “*Marias*” que se sentaram aos pés do Senhor, mas é certo que Noé é o protótipo da “*Marta*” do Novo Testamento, a Marta corrigida e santificada que assumiu o trabalho indicado com *um mínimo de confusão e um máximo de devoção*.

Havia três diferentes esferas de atividade nas quais Noé andava com seu Deus:

Como um Artesão

Na verdade, não é claramente afirmado que a Arca levou 120 anos para ser construída, mas há indicações suficientes para mostrar que essa deve ter sido uma tarefa árdua e desgastante. Alguns homens projetam navios ou edifícios, deixando a cargo de outros a realização da tarefa de construção. Noé não tinha escritório de planejamento, nem prancheta. Ele foi o trabalhador que recebeu o desenho e as especificações diretamente do céu e trabalhou de acordo. Isso pode parecer romântico, mas obviamente envolveu atenção cuidadosa e uma obra minuciosa, uma vez que sua própria segurança dependia de fazer um bom trabalho para Deus.

Onde ele conseguiu a madeira especificada e o betume de proteção, não nos é informado, mas não é preciso muita imaginação para perceber quanto trabalho duro Noé precisou aplicar naquela arca salvadora. O tamanho da tarefa teria assustado muitos homens; o trabalho pesado teria oprimido a maioria de nós; mas o maior milagre de todos foi que, enquanto ele trabalhava, Noé ainda tinha tempo e força para se dedicar ao cultivo de uma caminhada mais próxima com Deus. Às vezes, treinamentos e escolas bíblicas podem fazer parte do chamado de Deus para nós, mas o que se deve perceber é que eles nunca garantirão a proximidade de Deus. De uma maneira ou de outra, muitos de nós imaginam erroneamente que precisamos nos libertar das reivindicações diárias do lar e da profissão, para podermos passar mais tempo com Deus. Toda a concepção de recusar as vocações comuns para se aproximar do Senhor é contrariada pelo mandamento do Novo Testamento: *“Irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado”* (1Co 7:24).

Noé deve ter sido engenhoso com as mãos. Quem lhe deu essa habilidade? Ele deve ter tido uma força considerável. Quem lhe deu essa força? Aquele que os deu a ele, o chamou para passar anos trabalhando como carpinteiro, e ele nos mostra que o que chamamos de ‘trabalho secular’, longe de atrapalhar a vida espiritual de um homem, pode ser a esfera na qual ele se aproximará diariamente seu Deus e trará glória ao Seu nome. No devido tempo, o Divino Filho tornou-se carpinteiro em Nazaré e, quando deixou esse cargo para o ministério público, recebeu a forte aprovação do Pai pelos Seus dezoito anos de trabalho manual.

Se por um ‘obreiro em tempo integral’ consideramos o fato de estarmos separados, de uma maneira especial, para um trabalho específico para Deus, como Noé estava quando entrou na Arca, essa é uma descrição válida. Mas, se sugerimos que até aquele momento Noé não havia sido um ‘obreiro em tempo integral’, tenho certeza de que ele e sua esposa discordariam fortemente. Noé poderia argumentar que todos os que andam com Deus (mesmo em uma carpintaria) são obreiros em tempo

integral! É verdade que nos é dito que Noé foi “*um pregador da justiça*” [2Pe 2:5], mas quantas palavras ele realmente disse, nós não sabemos. Sua vida foi um sermão, sua oficina era seu púlpito e, embora fora de seu próprio círculo ninguém prestasse atenção a seus avisos, ele teve a alegria de ver toda a sua família encontrando a salvação, como resultado de sua vida prática de fazer a vontade de Deus.

Se andarmos com Deus e assim trabalharmos para Ele, podemos ter certeza de que Ele também trabalhará para nós. Esse tipo de comunhão é uma via de mão dupla. A “Operação Arca” foi um sucesso completo. Deus se envolveu tanto com Noé que, no devido tempo, ele influenciou os animais a se aproximarem e entrarem na Arca, e fez com que eles vivessem harmoniosamente juntos, fechando Ele mesmo a porta atrás dele – presumivelmente selando-a para que fosse à prova d’água. Literalmente, Noé sabia o que era “trabalhar junto com Deus”.

Como Protetor de Animais

É difícil descrever o segundo trabalho no qual Noé se engajou, mas certamente não foi menos oneroso que seu emprego anterior. Dado o elemento milagroso na reunião dos animais e sua coexistência pacífica em locais tão confinados, ainda assim havia uma quantidade enorme de trabalho duro da parte dele.

Pense no empilhamento e armazenamento dos alimentos, e sua subsequente distribuição. E as viagens diárias para cima e para baixo da escada do navio de três andares, enquanto a comida era transportada e distribuída diariamente? Pode um homem andar com Deus quando está transportando fardos de comida? Ele pode andar com Deus enquanto trabalha subindo e descendo aquelas escadas intermináveis? Talvez ele possa andar com Deus nos espaços abertos, mas como pode fazê-lo em um zoológico flutuante confinado, lotado e as vezes, agitado?

Nós não sabemos. Nós, no entanto, conhecemos as experiências de labuta que, de certa forma, correspondem à labuta diária de Noé, e muitos de nós sabemos quão próximos podemos estar de Deus, independente das desvantagens e demandas. Durante todos esses meses, tudo deve ter parecido irritante e quase irrelevante para o próprio Noé, mas sabemos que todo o propósito de Deus para a raça humana dependia da fidelidade daquele homem. Noé pode nunca ter percebido que as hostes do céu estavam olhando com espanto santo para aquela arca lotada, e devem ter sido movidas a uma nova adoração a Deus, que pode conceder tanta graça aos homens. Lembremos que em nossas provas nós também “*nos tornamos espetáculo... tanto a anjos, como a homens*” (1Co 4:9), mesmo que possamos não estar fazendo tão sensacional, além de subir e descer escadas designadas por Deus.

Como um Agricultor

Adão foi informado: “No suor do rosto comerás o teu pão” e alguém poderia imaginar que a comissão de Noé de “ser fecundo...e encher a terra” (Gn 9:1) indicava que ainda havia muito trabalho duro ser feito. Parece improvável que ele tenha achado que essa terceira fase do trabalho de sua vida seria menos árdua do que as duas anteriores. A partir das Escrituras que se seguem, vemos que ele e seus filhos obtiveram um completo sucesso em seu novo trabalho. Temos a impressão de que esse trabalho em particular como lavrador era um novo empreendimento para o patriarca.

Quando ele viveu no mundo pré-diluviano da impiedade, ele pode ter imaginado em como seria mais fácil andar com Deus se as circunstâncias pudessem mudar, para que ele se encontrasse em um novo mundo com alianças de arco-íris e altares com ofertas de cheiro suave. Bem, se ele considerava tais teorias, agora tinha a chance de prová-las e descobrir como eram falsas, pois foi nessa terceira, e a mais favorável fase de sua vida, que ele fracassou. “*Bebendo do vinho, embriagou-se...*” (Gn 9:21). Talvez tenha sido devido à sua ignorância; ele pode não ter conhecido o efeito do suco de uva fermentado. Mas, mesmo se dermos essa desculpa a ele, ainda temos que concluir que de alguma forma Noé perdeu aquele contato íntimo com Deus que o havia guiado tão infalivelmente em momentos passados em meio ao desconhecido.

Podemos até culpar Cam por sua grosseria e louvar os outros dois irmãos por seu comportamento correto, mas não podemos nem por um momento olhar para um homem indecentemente embriagado e sugerir que ele está andando com Deus. Qualquer medida de sensibilidade *ao Seu Companheiro Divino* o teria advertido quando ele estava correndo o risco de beber demais.

Por que essa história final foi incluída nas Escrituras? Não teria sido mais gentil suprimi-la e nos deixar uma imagem sem manchas desse homem de Deus? Grande parte das verdades sobre todos nós é suprimida por nosso Deus bondoso, mas certas coisas são tornadas públicas *para o benefício de outros*.

Nesse caso, certamente Deus deseja enfatizar para nós que em qualquer ponto de nossa peregrinação cristã, não é difícil sair da sintonia com Ele, *e que esses perigos e possibilidades não diminuem com a idade ou com a experiência*.

Um veredicto final das Escrituras ignora esse momento de fracasso, sem dúvida porque sempre há perdão e purificação para o homem que anda na luz, nos informando que Noé “se tornou herdeiro da justiça que vem da fé” (Hb 11:7). Em certo sentido, Noé herdou o

mundo pós-diluviano material, no qual estabeleceu seu altar para Deus.

A Bíblia, no entanto, considera coisas materiais como sendo de importância relativamente pequena. O que importa é a herança espiritual recebida pela graça. Foi dada pela graça, mas demandava por uma apropriação pela fé. O Senhor Jesus elogiou o servo que é fiel naquilo que é mínimo, prometendo riquezas verdadeiras àqueles que são fiéis nos assuntos materiais.

O serviço de Noé não foi de maneira alguma pequeno. *Cada uma de suas três tarefas foi de tremenda importância.* No entanto, a construção de arcas, o bem-estar animal e o desenvolvimento agrícola, em qualquer escala, são muito pequenos em comparação com a recompensa espiritual e o destino espiritual deste homem de Deus. *Talvez seja possível repetir mais uma vez, porém, que seu destino espiritual foi tornado possível por sua constância de obediência e fé nos assuntos materiais.*

Um Homem de Descanso

Dizem-nos que o nome de Noé significa "Descanso". Isso parece apontar para o convite de Cristo para que tomemos Seu jugo sobre nós e aprendamos a descansar enquanto o fazemos (Mt 11:28). Podemos destacar três características desse serviço repousante de Noé:

i. Sensibilidade

Noé viveu em um mundo impressionante. *"Naquele tempo havia gigantes na terra... estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade"* (Gn 6:4). Era assim que eles pareciam sob o ponto de vista do homem, mas Deus os via *corruptos e violentos*. Foi assim que Noé também os viu, pois, andando com Deus, aprendeu a ter *discernimento e sensibilidade espirituais*. Se alguma vez tal discriminação foi necessária entre os cristãos, isso certamente ocorre nos nossos dias. É uma tragédia quando o povo de Deus tolera e até admira a sociedade que a Bíblia chama de "mundo", ficando cega para o fato de que o que *eles valorizam é abominação aos olhos de Deus*. Noé não tinha ilusões sobre os "gigantes" ou sobre o "renome"; ele era sensível às tristezas de Seu companheiro Divino.

O mundo de Noé parecia que ia continuar para sempre. As pessoas *"comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento"* até quando chegou o fim (Lc 17:27). Como pôde somente Noé ter visto o que estava por vir enquanto o resto estava cego? Como é que essas atividades consideradas razoáveis ocupam tanto as mentes e perspectivas de muitos cristãos nos dias de hoje? A resposta para essas perguntas está contida em

uma frase do Novo Testamento: “*amor ao mundo*”. Noé não amava o mundo nesse sentido – ele o condenou. E ele fez isso porque olhou além do visível para as verdades e valores perenes do reino eterno de Deus.

ii. Obediência

O verdadeiro descanso do coração chega apenas aos obedientes. Noé, antes de tudo, aceitou a comissão geral dada a ele por Deus, trabalhando a seguir nos detalhes de construção e nas instruções relativas ao tempo e movimentos. Pode ser que as instruções para levar sete dos animais limpos e não dois (Gn 7:2-3) tenha sido uma ordem de última hora, pois nada havia sido dito sobre isso até a semana em que ele entrou na Arca. A vida é assim. Novas coisas surgem – ou algumas coisas podem parecer novas para nós – assim o servo obediente deve ser ajustável debaixo da mão de Deus. Todo o procedimento de Noé foi pioneiro; ninguém jamais fez as coisas que ele foi chamado a fazer. De uma maneira menos espetacular, *isso é uma verdade para todo homem de fé*, transformando a obediência não em uma questão de obedecer a regras, *mas de ouvir a Deus*. Se Noé realmente se mudou para aquela Arca com o coração descansado, ele foi realmente um milagre da graça.

iii. Paciência

Vista apenas a partir desta virtude, a história de Noé é ainda mais notável. Tomando como certa a longa paciência de seus trabalhos, pense em suas experiências dentro da Arca, pois ele teve que esperar naquele navio fechado por sete longos dias, enquanto nem uma gota de chuva caía do lado de fora. Dizem-nos que “*as águas durante cento e cinquenta dias predominaram sobre a terra*” (Gn 7:24). Isso, sem dúvida, era algo esperado por Noé e, embora devesse parecer um longo tempo, poderia razoavelmente ser considerado parte do plano. O mesmo aconteceu com o gradual escoamento das águas e os vários períodos de teste por meio do corvo e da pomba. Mas observe o último momento de teste, quando Noé olhou para uma terra seca no primeiro dia do mês (Gn 8:13) e ainda precisou esperar o mandamento Divino para desembarcar, que não ocorreu até o vigésimo sétimo dia do segundo mês. Ele entrou na Arca sete dias antes do necessário, porque Deus lhe disse para fazê-lo, e depois ficou quase dois meses depois do que lhe pareceu necessário, e só se moveu quando recebeu a palavra do Senhor. Esse é um exemplo mais impressionante de obediência e paciência, trabalhando juntos. *Não se engane, o homem que planeja andar com Deus tem muitas lições de paciência para aprender.*

Nosso próximo personagem será Abraão – o homem que literalmente andou muitos quilômetros em sua constante peregrinação com Deus. Ao contrário dele, Noé nos fala da pura disciplina do trabalho diário, mantendo-se no trabalho, subindo e

descendo as escadas e aguardando silenciosamente os comandos Divinos para se mover. *“Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança”* (Cl 3:23,24).

Texto homônimo de Harry Foster, publicado na Revista *“Toward The Mark”*, Vol 11, no. 3, Mai-Jun de 1982.

Abraão, Andando para o Desconhecido

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miquéias 6:8).

“Quando atingiu Abrão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito” (Gênesis 17:1).

“Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia” (Hebreus 11:8).

Na verdade, não temos a afirmação exata na Palavra que *Abraão andou com Deus*, mas, em uma certa crise em sua história, ele recebeu o seguinte mandamento divino: *“Anda na minha presença e sê perfeito”* (Gn 17:1). Isso pode até nos parecer um pouco inferior ao que é dito a respeito de Enoque e Noé, como se Abraão estivesse sendo tratado como uma criança sob observação, e não como um companheiro adulto. Mas se vislumbrarmos todo o contexto da vida de Abraão, no entanto, não poderemos pensar dessa forma, pois este foi o homem que Deus denominou mais tarde: *“Abraão, meu amigo”* (Is 41:8).

Diante de sua morte, Jacó, neto de Abraão, falou com emoção do fato de que seu avô e seu pai haviam caminhado diante de Deus (Gn 48:15), sugerindo que essa qualidade de vida era muito honrosa, e muito além da vivida por ele. Andar diante de Deus significa estar muito próximo Dele, confiando em vez de vendo, sempre sensível à voz mansa e suave que constantemente dirige: *“Este é o caminho, andai por ele”* (Is 30:21). No sentido mais verdadeiro, esta é a caminhada da fé. Ela envolve total dependência de Deus e, no entanto também significa um avanço consistente em direção ao desconhecido, contando com o Seu apoio.

Abraão é o exemplo bíblico desse tipo de caminhada. Somos especificamente informados de que foi dessa maneira que seu primeiro movimento foi realizado: *“Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu... e partiu sem saber aonde ia”* (Hb 11:8). Sua vida longa e frutífera foi vivida de acordo com esse padrão e, próximo ao seu fim, seu fiel mordomo foi enviado para procurar uma noiva para seu filho Isaque na mesma base: *“Estando no caminho, o Senhor me guiou...”* (Gn 24:27).

Há um sentido no qual todo homem de fé deve ser pioneiro. Cada um de nós tem que aprender a sair em direção ao desconhecido. Por esse motivo, um estudo mais ponderado das experiências de Abraão pode nos guiar e encorajar em nossa própria caminhada pessoal com Deus. No caso dele, vemos que:

1. O homem que anda diante de Deus nunca poderá permanecer estático.

Abraão não era um nômade por natureza. Seus primeiros anos foram passados como morador de uma cidade, em uma comunidade altamente civilizada. Vemos, também, que suas expectativas posteriores sempre foram focadas em outra cidade ainda superior (Hb 11:10). A graça, no entanto, contradiz e prevalece sobre nossas inclinações naturais, de modo que as palavras mais pungentes na história de Abraão foram: *“Peregrinou”, “Tendas”, “Estrangeiros”, “Peregrinos”, “Distante”, etc.* Em tudo que diz respeito a sua vida, a terra era uma ponte a ser atravessada, e nunca um lar permanente para se estabelecer. Ouvi dizer que em algum lugar da Índia há uma inscrição antiga nesse sentido, atribuída às palavras do Senhor Jesus. De qualquer forma, é uma verdade importante.

Sob a influência de seu pai, Abraão foi inicialmente tentado a estabelecer suas raízes em Harã, um lugar cujo próprio nome expressava um olhar para trás. Era uma posição intermediária na qual, infelizmente, muitos cristãos parecem ficar satisfeitos o suficiente para aceitar. Porém, isso não foi verdade para o homem de fé, então ele se mudou para a terra que lhe havia sido prometida. Mesmo assim, não encontrou ali um lugar fixo para permanecer, passando de um local para outro, como se tentasse descobrir o local escolhido por Deus para ele, mantendo sempre sua confiança no Senhor, com base em um novo altar.

O fato de toda a sua vida ter sido vivida em tendas é enfatizado em Hebreus 11:9, como se fosse para chamar a nossa atenção para o fato de que esse homem e sua família nunca tiveram permissão para desfrutar de uma estadia permanente em qualquer localidade fixa. Eles nunca puderam saber o que era ser estático. Este mesmo capítulo nos lembra que essa falta de um lugar de permanência na Terra persistiu até a morte deles, enquanto que a história de Gênesis enfatiza esse ponto ao

descrever como Abraão reconheceu que foi Deus quem o fez vaguar dessa maneira, limitando-o a comprar uma caverna como cemitério familiar, pois, depois de todos esses anos de afluência, ele ainda era obrigado a admitir que não passava de *“um estrangeiro e um peregrino”* (Gn 23:4, 17-18).

O que isso significa para nós? Não que devemos literalmente mudar de um lugar para outro, seja em nossa busca de emprego ou em nossa esfera de serviço a Deus. Enquanto o Novo Testamento registra a história de alguns homens em continuo movimento enquanto viajavam, também nos dá vislumbres de Tiago permanentemente sediado em Jerusalém e Filipe parando em Cesaréia e estabelecendo sua casa ali (Atos 21:8). *“Gaio, meu hospedeiro e de toda a igreja”* ao menos sugere que esse irmão estava permanentemente localizado em um local, enquanto *“Erasto, tesoureiro da cidade”*, descreve um cristão que estava em uma posição estável como funcionário público (Rm 16:23). Não! Devemos estar prontos para aceitar o movimento quando as circunstâncias (sob a vontade de Deus) o tornarem necessário, mas essa *“vida de tenda”* desse homem que andou diante de Deus não implica que haja virtudes em buscar constantes mudanças de localização.

Sugiro, portanto, que essa característica de nunca se tornar estático é essencialmente espiritual. Não devemos colocar nossas raízes na vida deste mundo como se este fosse nosso destino, mas sempre devemos aceitar quaisquer mudanças externas que representem novas lições espirituais ou mais oportunidades de testemunhar. Ainda mais, nunca devemos estar tão fixos em nossa perspectiva espiritual a ponto de não podermos nos ajustar à uma nova luz da Palavra de Deus, ou quando se fizer necessário passar de uma fase de entendimento para um conhecimento mais completo da vontade de Deus. Os constantes movimentos de Abraão nos lembram que estamos continuamente crescendo no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

2. O homem que anda diante de Deus deve constantemente enfrentar o inesperado.

Isto decorre do que já declaramos. No decorrer da minha vida, conheci jovens (e não tão jovens!), que jogaram fora seus empregos ou mudaram de casa sem nenhuma direção clara de Deus, ou comunhão com seus companheiros espirituais, justificando suas ações pela afirmação bíblica de que Abraão *“partiu sem saber aonde ia”*. Os resultados desse tipo de mergulho no desconhecido muitas vezes se revelaram infrutíferos.

Sugiro que o erro deles foi duplo: eles entenderam mal a ação de Abraão e erraram

ao tentar imitar outro servo do Senhor. Em primeiro lugar, as Escrituras citadas indicam que Abraão sabia muito bem que havia sido chamado para ir para Canaã, e tomou o caminho de acordo. O que ele não sabia era o tipo de vida envolvida, pois a terra não lhe era familiar e ele não tinha nenhuma idéia de *como* Deus o guiaria e sustentaria. Sem dúvida, há exceções a essa regra, mas acredito que geralmente movimentos negativos de qualquer situação devem ser tomados com vistas a um movimento positivo para um novo, e não na direção de um vácuo.

Posso estar errado sobre isso, mas certamente estou certo ao enfatizar que nenhum de nós deve tentar copiar ou imitar outro irmão. A lista em Hebreus 11 é tão variada quanto qualquer lista poderia ser, não apenas nas diferenças de caráter daqueles descritos, mas também nas diferentes maneiras pelas quais eles foram conduzidos. Deus não ordenou que Abraão andasse após Enoque ou Noé, mas que andasse diante dEle! Embora, em certo sentido, Hebreus 11 forneça uma sequência de homens e mulheres de fé, também enfatiza que cada um deles não era uma cópia do outro, mas era original. Deus não trabalha com base em produção em massa. A única coisa que devemos imitar é a fé deles (Hb 13:7).

O Senhor raramente repete nossas próprias experiências. Estamos seguindo em frente, não dando voltas e voltas. Humanamente falando, as jornadas de Abraão poderiam até sugerir que ele estivesse andando em círculos, [mas] temos o veredicto Divino de que ele estava se movendo em direção a um destino. É o viajante perdido que anda em círculos; o peregrino se move firmemente em direção ao objetivo desejado. Portanto, esse homem deve sempre se mover em direção ao desconhecido. Não apenas a vida e as circunstâncias podem mudar à medida que avançamos, mas os caminhos de Deus conosco também variam. O Senhor se certificará de que as condições nos levem a depender de um conhecimento fresco e vivo Dele e que não tenhamos nada como garantido, por mais maravilhoso que tenha sido o passado.

3. O homem que anda diante de Deus deve evitar ações impulsivas.

Aprendemos com os erros de Abraão, bem como com seus sucessos. Na ocasião da fome, certamente foi errado descer para o Egito (12:10), embora fosse sem dúvida desconcertante encontrar uma necessidade aguda na própria terra para a qual Deus o havia chamado com tanta clareza. O resultado, no entanto, foi que ele repudiou sua esposa e quase a perdeu. Quando ele praticou novamente esse engano (quão lento somos para aprender nossas lições!), Ele explicou a Abimeleque que isso surgiu de um acordo que teve com Sara “quando Deus me fez andar errante da casa de meu pai” (20:13). Mas, de fato, a trama foi iniciada “quando se aproximava do Egito” (12:11).

Ele caiu porque, aparentemente, duvidava da capacidade de Deus de sustentá-lo na terra para a qual havia sido chamado, e foi pioneiro naquela confiança no Egito que mais tarde se tornaria uma armadilha para Israel (Is 31:1). Este é um dos testes mais comuns dos peregrinos de Deus – *ser levado a uma situação e depois enfrentar circunstâncias que parecem tornar impossível a permanência ali.*

Além disso, quando Deus bloqueia o seu caminho e quando seu único contato com Ele é manter-se perto o suficiente para ser examinado e orientado, é tão fácil perder a paciência e se apressar no tipo de situação perigosa em que Abraão se encontrava quando se envolveu com o faraó.

A verdade era que ele havia deixado Deus para trás em sua caminhada, então a partir daí precisou planejar sua própria proteção e bem-estar. Durante esse tempo ele perdeu seu testemunho, pois o faraó foi capaz de dizer: “*Que é isso que me fizeste?*” (12:18). É uma vergonha para um peregrino ser exposto como incrédulo aos olhos do mundo. Além do mais, seu medo relacionado à preservação de sua própria pele havia exposto a um perigo real a esposa que era sua verdadeira companheira, e que era essencial para a realização dos propósitos de Deus através de ambos. O Egito, é claro, não era bom para ele. Isso significava que ele deveria ser repudiado pelo próprio mundo no qual esperava encontrar apoio.

Deus é muito gentil. Ele extraiu Abraão e Sara de seu dilema, permitindo que eles refizessem seus passos até o local anterior, até o local do altar. A lição, porém, é clara para todos nós, a saber, que *fé e paciência devem andar de mãos dadas*; uma é inútil sem a outra. Devemos sempre estar prontos para seguir em frente, mas devemos tomar cuidado para não ir muito longe, rápido demais. *Devemos andar humildemente com nosso Deus, e nunca devemos esquecer que Satanás estará pronto para apoiar qualquer um de nossos impulsos carnis.* Para nosso conforto, notamos que a graça de Deus é tão grande que, desde que retornemos ao lugar do altar, Ele poderá enriquecer-nos, mesmo em nossos passos tolos de incredulidade (13:2).

Não há dúvida de que todo o episódio do nascimento de Ismael representou um ato impulsivo e impaciente de incredulidade (16:2). A ação de Abraão de acasalar-se com Hagar (novamente egípcia) poderia ter sido tolerado e até aprovado pela sociedade de sua época, embora tenha sido um afastamento do decreto original pelo qual Deus ordenou que um homem e sua esposa deveriam ser uma só carne. Por mais que Ele tenha ignorado isso no caso de homens como Jacó e Davi, Ele nunca se afastou dessa regra básica, como Malaquias 2:14-15 nos prova. Mas o que é mais importante para nós em nosso presente estudo é o fato de que a ação de Abraão ter sido derivada de uma pura descrença e, como tantas vezes acontece, *uma incredulidade nascida da impaciência.* O homem que anda diante de Deus deve tomar cuidado com ações

impulsivas.

Curiosamente, o Senhor respondeu à sua impaciência fazendo Seu servo esperar mais treze anos, antes de lhe conceder novas comunicações do céu. Algo ainda mais interessante é que a promessa de Isaque foi precedida pelo mandamento de ser perfeito – ou inteiro de coração – quando andasse diante de Deus (17:1). *Os peregrinos espirituais devem tomar cuidado com impulsos e conselhos impacientes, até mesmo dos amigos mais queridos, se quiserem ter uma caminhada digna de fé.*

4. O homem que anda diante de Deus pode contar com constantes encorajamentos.

Se falar de caminhar na direção do desconhecido parece uma demanda muito elevada, deixemo-nos tranquilizar com as experiências de Abraão. Posso acrescentar meu testemunho pessoal ao do patriarca quando digo que, antes de cada teste de fé, o Senhor dará uma nova palavra de encorajamento, na qual poderemos confiar quando obedecermos ao Seu chamado. Repetidas vezes, de Ur dos Caldeus até o monte Moriá, somos informados de como o Deus da glória apareceu a Abraão e falou com ele. Será que o homem de fé robusta precisava de tantas novas experiências? Será que as primeiras palavras: “Eis que estou contigo...” não seriam suficientes? Tudo o que posso dizer é que precisava delas, e as recebi. Até onde posso ver, uma longa fila de peregrinos de Abraão até Paulo receberam uma nova palavra de encorajamento exatamente quando as coisas pareciam mais sombrias. No caso de Abraão, podia parecer que, a cada novo passo adiante, ele recebia esse tipo de ajuda: quanto maior o custo da obediência, maiores eram as novas promessas feitas a ele.

Depois que ele permitiu que Ló escolhesse a terra mais rica em pastagens, o Senhor renovou Suas promessas ao patriarca e disse-lhe para percorrer toda a extensão da terra, sabendo que tudo aquilo seria seu (13:17). Depois de lutar magnanimamente para libertar seu sobrinho que não merecia, Deus o encontrou na pessoa de Melquisedeque com bênçãos celestiais, bem a tempo de garantir que ele recusasse firmemente qualquer ajuda dos dons de Sodoma.

Ele fez isso e recebeu uma promessa Divina adicional de bênção, com uma dessas exortações bíblicas, muitas vezes repetidas, de “não temer” (15:1). Infelizmente, ele temeu e concordou com o conselho infiel de Sara sobre Hagar, mas quando tudo isso foi corrigido, ele teve outra aparição do Senhor (17:1). O que ele teria feito se Deus não lhe falasse claramente? E o que qualquer um de nós pode fazer sem o ministério vital e salvador da santa Palavra de Deus?

O melhor – como sempre – foi guardado para o final. A aparição mais emocionante

do Senhor a Seu servo peregrino, a final e a mais gloriosa, foi quando ele colocou o filho da promessa no altar e ouviu Deus dizer: *“Porquanto fizeste isso... deveras te abençoarei”* (22:16-17). Para Abraão, o monte de sacrifício se tornou no monte de visão. Esse sempre será o princípio permanente, *“Por isso até nossos dias se diz: no monte do Senhor Ele será visto”* (22:14 – tradução da versão utilizada pelo autor).

5. O homem que anda diante de Deus deve chegar ao destino desejado.

Nosso passo final será fora do tempo em direção à eternidade. Para nós, a esfera atemporal é realmente desconhecida, mas isso não significa que seja irreal ou inatingível. Em relação a Abraão e sua família, afirma-se que eles desejavam uma pátria melhor, isto é, algo celestial: *“Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade”* (Hb 11:16). Não podemos entender muito do que está envolvido na troca dessa vida de tenda de nossa peregrinação, pela cidade celestial de Deus, a casa do pai de muitas moradas, mas a única palavra que se destaca como um farol diante de nós é *“MELHOR”*.

Ninguém pode contestar que andar com Deus vai nos custar um alto preço, mas ninguém que trilhar esse caminho jamais desejará outro. Os problemas podem ser maiores do que imaginávamos, mas o fim será mais glorioso do que poderíamos ter acreditado. *“Deus não se envergonha”* – isso significa que Ele se orgulha disso. Então o destino deve ser *“muito melhor”* do que o melhor que experimentamos durante o caminho.

Texto homônimo de Harry Foster, publicado na Revista *“Toward The Mark”*, Vol 11, no. 4, Jul-Ago de 1982.

Jacó, Andando como um Coxo

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miquéias 6:8).

“Àquele lugar chamou Jacó Peniel... e manquejava de uma coxa” (Gênesis 32:30-31).

Não se pode dizer que Jacó andou com Deus antes de ter sido atingido na junção de sua coxa. Ele mesmo nunca alegou isso, mas disse modestamente a José que aquele Deus diante de Quem seus pais, Abraão e Isaque, andaram, era Quem sempre fora seu Pastor (Gn 48:15, conforme versão Darby). No entanto, Peniel marcou uma grande crise em sua vida e, mais tarde, quando Jacó entrou na presença do Faraó manquejando, o fez com grande autoridade espiritual: *“Trouxe José a Jacó, seu pai, e o*

apresentou a Faraó; e Jacó abençoou a Faraó". Vemos mais uma vez: "E, tendo Jacó abençoado a Faraó..." (Gn 47:7 e 10).

Essa cena foi notável. Para qualquer espectador, deve ter parecido incrível que um velho agricultor aleijado estivesse em posição de conferir uma bênção ao maior monarca daqueles dias. Mas a maravilha foi ainda mais incrementada pelo fator pessoal, pois Jacó foi frequentemente descrito como um personagem duvidoso ou até desprezível. O fato dele, dentre todas as pessoas, ter se tornado um homem com um ministério de bênção, disposto e capaz de transmitir aos outros um benefício Divino em nome de seu Senhor, é uma indicação dos resultados do que aconteceu na grande crise de Peniel. Apesar de marcado para sempre como um homem manco, aquilo foi um novo marco em sua experiência de uma caminhada mais próxima com Deus.

A dupla menção de sua bênção ao faraó não foi um ato isolado. Dezessete anos depois, ele foi capaz de abençoar os dois filhos de José (Gn 48:20), e a história deixa claro que seus pronunciamentos sobre os dois rapazes não eram apenas expressões humanas de boa vontade, mas palavras proferidas debaixo da inspiração Divina, em certo ponto até mesmo contrárias as ideias naturais de José. Posteriormente, Jacó pronunciou bênçãos individuais sobre os seus doze filhos que posteriormente formariam as tribos de Israel (Gn 49:1-28). Podemos até entender que o grande Moisés fosse competente para abençoar as doze tribos, pois seria esperado que ele fosse um homem de Deus que tivesse poder para fazê-lo, mas é realmente notável que um homem como Jacó tenha tido tal ministério enfatizado.

O homem que anda com Deus é uma bênção para os outros. Este, de certo modo, é o critério para a vida espiritual e esse será o parâmetro de julgamento da história terrena de cada um de nós. Será que esse homem foi um instrumento para trazer as bênçãos de Deus para a vida de outras pessoas? E aquela mulher, tinha um ministério de bênção? Esta é a pergunta final. Para que isso seja possível no nosso caso, pode levar anos de instrução e disciplina, como aconteceu no caso de Jacó, mas o veredicto final de nossas vidas será baseado em se Deus foi capaz de comunicar Sua bênção através de nós para outras pessoas.

Por esse padrão, certamente podemos dizer que esse homem, que andava manco, teve uma vida plena. No caso dele, a paciência de Deus por muitos anos prevaleceu. Este foi o ponto de verdadeira conquista: "Jacó abençoou a faraó". Somente dezessete anos depois, Jacó, em seu ato final de adoração, alcançou o grande clímax de sua fé enquanto adorou a Deus "apoiado sobre a extremidade do seu bordão" (Hb 11:21), mas o fato de que ele o alcançou é um tributo maravilhoso *ao poder da graça de Deus*.

Que isso foi fruto da graça, fica claramente demonstrado pelo fato do patriarca se considerar sem importância: ele não sentia a dignidade e a autoridade que exibia, mas estava dolorosamente ciente de suas próprias falhas. *“Poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida e não chegaram aos dias dos anos da vida de meus pais...”* (Gn 47:9). Em seu corpo, ele era um aleijado; em sua estimativa de si mesmo, sentia-se extremamente insuficiente e indigno de ser comparado com outros que haviam andado com Deus; contudo, este era o único homem que podia estar diante de Faraó e conferir um benefício ao grande Governante, apesar de sua fraqueza.

Enquanto Jacó se considerou esperto e bem-sucedido, não teve bênção para conceder; foi no momento que ele sentiu tão dolorosamente sua própria inadequação, que seu verdadeiro ministério espiritual se tornou possível. É sempre assim. Deus constantemente tem que trabalhar conosco para paralisar nossa força natural, e o faz com o único propósito de lidar conosco, para que, do nosso nada, possa fluir a Sua bênção para os outros.

Uma característica marcante dessa nova fase da carreira de Jacó foi que ele não era mais um homem que se agarrava às suas posses, mas alguém que tinha prazer na graça de dar. Toda a sua vida foi ocupada em torno das bênçãos divinas. Ele sempre havia imaginado que esse era o fator mais importante da vida, como de fato é. Mas, naqueles anos anteriores, ele intencionava mais *em obter* do que *no conceder* a bênção. A bênção parecia tão importante para ele que sentia que precisava agarrá-la com toda a sua força, indiferente do efeito que sua ação causasse sobre os outros, tendo como única intenção o obter e manter tudo o que pudesse.

*Uma grande mudança ocorreu. Às vezes, você pode ler sobre a mudança de nome de Jacó para Israel e se perguntar se algo realmente mudou no homem, exceto pelo seu nome. Mudou sim, embora o resultado dessa mudança pareça tristemente lento. Foi como Jacó que ele abençoou o Faraó, mas foi como Israel que ele decidiu se juntar a seu filho José (Gn 45:28) e foi como Israel que ele fez a jornada até lá (Gn 46:1). Considere como o velho Jacó teria entrado no Egito. Pense em como ele planejaría explorar essa proeminência inesperada de seu filho. Os seus próprios interesses o levariam a buscar todas as vantagens e procurar todas as oportunidades de fazer uso egoísta da grande influência que José agora exercia no ali. A extensão da transformação de Jacó pode ser medida pelo fato de que ele parece não ter esses desejos, mas apenas ter a intenção de dar. *Ele não pediu nada ao Faraó: deu-lhe o melhor que tinha, uma bênção de Deus.**

Nisso, ele antecipou as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: *“Mais bem-aventurado é dar que receber”* (At 20:35). Não sabemos realmente quando Ele pronunciou essas palavras. Isso não importa. O ponto importante é que o Senhor

vivenciou isso todos os dias de Sua vida terrena. Infelizmente, muitos de nós têm que confessar que, embora aceitemos a ideia, geralmente deixamos de colocá-la em prática. Lembramos as palavras de Pedro ao coxo: “*mas o que tenho, isso te dou*” (At 3:6). Mas de fato esperaríamos isso dos apóstolos de Cristo, cheios do Espírito. O milagre aqui é que o próprio Jacó estava se tornando um homem semelhante a Cristo, pois certamente é isso que está implícito no seu novo nome, Israel.

Como dissemos, Jacó sentiu-se um homem fraco e indigno. Nisso estava o segredo de seu poder com Deus e os homens. Se perguntarmos como foi que ele começou a se sentir fraco dessa maneira, a resposta é que tudo começou quando sua força natural foi quebrada sob a mão de Deus, enquanto lutava com Ele a noite toda em Jaboque (Gn 32:25). Antes daquela ocasião, ele passara por vinte anos de provas e disciplina. Na casa de seu parente, Labão, ele encontrou um homem que era duro e bem semelhante a ele para lhe causar um sofrimento sem fim. Foram vinte anos de dificuldades, mas não há indicação de que o sofrimento tenha transformado Jacó. É uma idéia bastante equivocada imaginar que o sofrimento, por si só, tem algum poder de amadurecer-nos espiritualmente. Não, mesmo depois desses vinte anos, Jacó ainda era Jacó, pois foi isso que ele confessou ao anjo que lutou com ele. Se ele estava ou não preparado para esse encontro com Deus devido as coisas pelas quais ele havia passado, não nos é declarado. Talvez estivesse. *O que ele precisava naquele estágio, no entanto, não era sofrimento, mas um encontro pessoal com Deus, do qual ele emergiria um homem verdadeiramente quebrado.* Foi isso que aconteceu em Jaboque. Quando ele fez todos os seus planos, os executou, e permaneceu em sua solidão, Deus o encontrou e lutou com ele. Sei pouco sobre luta livre, mas entendo que o objetivo é que um homem ceda ao seu oponente. Isso é algo que Jacó nunca faria, mesmo que o oponente fosse um anjo do céu. Ele precisou que se tornar aleijado para que isso acontecesse. *Ele se tornou um homem enfraquecido que não estava mais planejando ou lutando pela bênção, mas se apegando ao Senhor por ela.* Quando isso aconteceu, a bênção era ainda maior do que ele jamais poderia imaginar, e estava ligada a um novo nome, Israel.

Às vezes, imaginamos que a transformação completa ocorreu em um momento, como se pelo fruto desse encontro o velho Jacó deixasse de existir e um homem inteiramente novo chamado Israel tomasse seu lugar. À medida que a narrativa prossegue, fica claro que não foi esse o caso. Não apenas é possível detectar vestígios da natureza antiga ainda em operação, mas é evidente que o escritor desejava registrar o fato de que isso não havia acontecido, pois, sob a inspiração do Espírito, ele constantemente muda do nome de Jacó para Israel e depois usa Jacó novamente. Não, não houve uma mudança instantânea no Jaboque, embora o que aconteceu tenha provado ser radical em sua execução. A experiência marcou um novo começo para Jacó. Em certo sentido, foi a partir daí que ele começou a andar com Deus.

Peniel marcou o início de um novo dia para este homem que agora estava comprometido com Deus, para que o trabalho de transformação pudesse prosseguir.

Por esse motivo, ele ainda precisava sofrer. Depois de sua nova posição de entrega, poderia-se imaginar que seus sofrimentos terminariam. Aqui, novamente, descobrimos que os caminhos de Deus com Seus servos não são como pensamos que deveriam ser. Pelos próximos vinte anos, Jacó passou por uma sucessão de provações muito mais profundas, até que finalmente exclamou, quase desesperado: *“Todas estas coisas me sobrevêm”* (Gn 42:36). Apesar de parecer que as coisas estavam contra ele, é claro que não estavam. Enquanto falava dessa maneira, José estava governando o Egito e estava planejando proporcionar conforto e um lar para seu velho pai. Isso estava escondido dos olhos de Jacó. O futuro geralmente está oculto de nós. Tudo o que sabemos é o que Jacó sentiu que uma provação sucedia a outra depois que se rendeu ao domínio absoluto do Senhor, tornando a vida ainda mais difícil do que ocorria antes disso ter acontecido.

Depois que Jaboque, Jacó precisou suportar o mau comportamento de seus filhos (Gn 34), a triste perda de Raquel, que deixou uma marca até o fim de sua vida (Gn 48) e passou o desgosto com a conduta vergonhosa de Rúben (Gn 35). Finalmente, veio o pior golpe de todos quando ouviu falar da aparente morte de José e nela acreditou. Tudo isso pode nos parecer difícil e desnecessário para um homem agora chamado Israel e, ao ler a história, sentimos uma nova brandura e submissão no espírito do patriarca. O velho Jacó certamente teria reagido de maneira muito mais violenta àqueles filhos! Talvez a transformação estivesse ocorrendo o tempo todo, e principalmente quando ele estava menos consciente disso.

O que havia acontecido em Jaboque precisava se tornar uma experiência mais interior, um quebrantamento que é o verdadeiro segredo da transformação espiritual. O mesmo acontece com todos nós. *Não somos tornados em ‘Israel’ em um momento, por mais sagrado e significativo que possa ser o nosso momento do encontro com o Senhor.* Isso é apenas o começo. A partir de então, devemos ser conduzidos por circunstâncias de provação e decepção, a fim de que, ao final, possamos emergir como aqueles cuja vida inteira é uma bênção, se tornando em um meio de abençoar os outros.

O último movimento de Jacó foi feito com humildade e alegria, e o Senhor estava com ele. Quando ele concordou em ir ao Egito para ficar com José, fez uma pausa significativa antes de deixar a terra da promessa. Ele chegou até Berseba e lá parou. É claro pelas palavras que Deus lhe dirigiu que ele estava sendo dominado por medos muito reais. Ele pode muito bem ter se perguntado se era correto descer ao Egito debaixo de qualquer circunstância. Abraão tinha sido um homem maior e

melhor do que ele, e ainda assim havia sido manifestamente errado para ele ir para lá. O que ele deveria fazer? José estava lá e ansiava por ver seu filho favorito. O transporte havia sido fornecido, e parecia tão correto e razoável prosseguir. Além disso, havia fome em Canaã. Mas foi a fome que governou a decisão de Abraão, e então isso pode ter feito Jacó hesitar. Pode ser que, depois que ele partiu impulsivamente, assumindo como certo que Deus estaria com ele em sua jornada, como costumamos fazer, ele se sentiu impelido a reconsiderar o assunto. *É perigoso tomar a presença e as bênçãos de Deus como garantidas.* Será que foi por ter percebido isso que Jacó fez todo o grupo parar por um tempo em Berseba, enquanto ele teve novos tratos com Deus sobre a iniciativa?

Ali ele estabeleceu um altar. Não sabemos o que ele ofereceu, mas sabemos pelo restante das Escrituras que o padrão deveria ser uma “oferta totalmente queimada”. Ele precisou colocar tudo no altar, e mostrar dessa maneira simbólica, que tudo pertencia a Deus, e era sustentado em confiança nEle. Jacó queria ir para o Egito. De fato, era a única coisa que ele desejava na terra agora. Mas ele precisava testar seus desejos em relação à vontade de Deus, então naquele altar ele entregou a Deus suas próprias ideias e desejos, e esperou para ver qual seria a resposta do Senhor.

Não parece que ele tenha tido que esperar muito. Será que foi na noite seguinte que Deus falou com ele? Ou ele precisou esperar alguns dias depois de fazer sua oferta? Nós não somos informados a esse respeito. Mas nos é dito que na noite em que Deus falou com ele, ele o chamou pelo nome antigo e até repetiu para enfatizar: “Jacó! Jacó!... não temas descer para o Egito...” (Gn 46:2-3). “Você é um homem tão coxo agora que precisa ser carregado em um carro, mas Eu irei com você e andaremos juntos até que Eu mesmo o traga de volta à companhia de seus pais” (veja Gn 49:29).

Andar com Deus significa aprender a esperar nEle. E foi isso que esse coxo majestoso fez. Foi como Israel que ele viajou (Gn 46:1) e foi como Israel que Deus falou com ele, e ainda assim Ele o chamou de Jacó (46:2). Foi assim que Jacó ficou na presença de Faraó e transmitiu as bênçãos de Deus ao rei. Ele era um homem fraco, quebrado, profundamente dependente. Mas Deus o enviou e estava com ele. Ele podia coxear, mas aprendeu a andar humildemente com seu Deus.

Texto homônimo de Harry Foster, publicado na Revista “Toward The Mark”, Vol 11, no. 5, Set-Out de 1982.

Josué, Andando em Combate

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miquéias 6:8).

“Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como eu prometi a Moisés” (Josué 1:3).

Provavelmente Moisés foi o homem mais notável a andar com Deus. Houve momentos em que ele parecia estar andando em círculos, mas, no caso dele, os círculos estavam sempre subindo – como uma escada em espiral – para que Moisés estivesse cada vez mais perto do que seu salmo descreve como nossa eterna morada em Deus (Sl 90:1).

O relato terreno de sua vida pode dar ao leitor a impressão de que, afinal, ele nunca chegou ao seu alvo final, mas estou confiante de que Moisés teve uma vida plena. Esse cumprimento mais evidente, porém, foi por meio de seu sucessor, Josué, por isso proponho deixar Moisés em sua majestosa solidão e dedicar este último artigo a Josué, o homem que caminhou diretamente para dentro da terra prometida para a possuir. Significativamente, os versículos iniciais de Josué retomam o que Moisés havia dito sobre possuir todos os lugares pisados pelas solas dos pés do povo (Dt 11:24) e aplicam isso de maneira mais pessoal a Josué (Js 1:3). Os seus pés deveriam ser os primeiros a avançar para essa possessão, enquanto as pessoas o seguiriam na direção da herança. Progredimos na vida espiritual, pisando os nossos pés sobre aquilo que já é nosso em Cristo. Mas esse caminho será ferozmente contestado, até o fim.

A palavra nos informa em Êxodo 15, no verso 3 que: “O Senhor é homem de guerra”, portanto, não é de se surpreender que o homem que anda com Ele seja alguém cujo progresso seja marcado por conflitos. Sugiro que esta seja a lição especial a ser aprendida com Josué. Não que ele fosse alguém naturalmente agressivo. Longe disso, pois ele era constantemente exortado a não temer e a ser forte (Js 1:9). Mas a partir de Jericó, sua vida foi cheia de batalhas e guerras.

A batalha na qual o crente está envolvido é essencialmente espiritual. Os guerreiros de Deus não podem prevalecer pela força de sua própria alma, mas apenas por meio de uma fé plena em seu Deus forte. Quando o jovem e promissor combatente Josué completou todas as suas batalhas e se tornou um homem idoso prestes a morrer, lembrou ao povo que a vitória só foi possível devido ao poder de Deus: “O Senhor, vosso Deus, é o que pelejou por vós”, “vosso Deus, é quem peleja por vós, como já vos prometeu” (Js 23:3 e 10). Considerando toda a sua longa e bem-sucedida vida, Josué

foi um excelente exemplo do que o Novo Testamento chama de “um bom soldado de Cristo Jesus”. Ele caminhou com seu Deus na direção do combate. Vamos considerar algumas lições a serem aprendidas a partir de suas experiências.

1. O Fator Decisivo na Intercessão

A primeira menção de Josué é encontrada em Êxodo 17:9-14. É uma história de guerra, mas sua principal característica é que o resultado da batalha dependeu inteiramente das mãos levantadas de um intercessor oculto (vs 11). Se considerarmos Moisés como um tipo de Cristo, podemos sugerir, com razão, que qualquer vitória nossa depende da Sua intercessão celestial, mas tal ilustração ainda é falha, pois nosso Salvador Ressurreto nunca fica cansado e não precisa de apoio, como aconteceu com Moisés. Provavelmente é melhor aderir à lição simples que foi tão vividamente apresentada a Josué, que o fator decisivo no conflito não é fruto do seu esforço natural (por mais necessário que isso seja), mas da oração respondida.

É impressionante que Josué nos seja apresentado como guerreiro e que a lição desta batalha vitoriosa seja dirigida a ele pessoalmente: “*Repete-o a Josué*” (vs 14). Além disso, o nome do altar era especificamente pessoal: “Jeová-Nissi” – O Senhor é minha bandeira (vs 15). Sem dúvida, o ataque dos amalequitas teve um sentido mais amplo, mas é razoável o suficiente em nossa argumentação que esse momento tenha estabelecido a tônica para todo o futuro de Josué. Deus está em guerra; portanto, o homem que anda com Ele deve enfrentar inevitavelmente o conflito “*de geração em geração*” (vs 16). No entanto, ele pode entrar confiantemente na batalha espiritual, pois Jeová é sua bandeira, mas sempre se lembrando que a condição decisiva para a vitória é a oração permanente de fé.

O Senhor escreveu isso não apenas para Josué, mas também para ser repetido para nossos ouvidos. A vida cristã não é uma tarefa fácil. Não se trata apenas de desfiles entusiasmados ou marchas musicais. É uma experiência contínua de combater “o bom combate da fé”. Ao mesmo tempo, deve haver um trabalho oculto de intercessão para apoiar e igualar a atividade visível do interessado. Não é um caso de oração em vez de ação; menos ainda, de atividade sem oração, pois é aí que reside a derrota, como Josué percebia sempre que os braços de Moisés eram abaixados. Se quisermos caminhar com Deus em direção à batalha, devemos ter certeza que damos pleno lugar ao altar e à bandeira, e fazemos isso por meio da oração.

2. O Contexto do Serviço Abnegado

A próxima referência a Josué mostra que ele havia se apegado a Moisés como seu servo pessoal (Êx 24:13). Ele parece ter continuado nessa tarefa importante, mas humilde, durante todos aqueles quarenta anos (Dt 1:38). Isso foi parte de sua preparação para liderar o povo na vitória.

Quando o Senhor Jesus fez uma referência aos triunfos dos crentes em Laodicéia, comparou as experiências deles com as Suas: “assim como também Eu venci” (Ap 3:21). Em outras palavras, os cristãos obtêm a vitória espiritual em suas circunstâncias, assim como o Senhor recebeu a Sua, e sabemos que a característica de toda a Sua vida terrena foi de serviço abnegado. Ele obteve a vitória Se humilhando.

Essa é uma das lições que podemos aprender com Josué. Por fim, ele estava destinado a liderar o povo de Deus na conquista vitoriosa da terra, mas o longo trabalho de preparação parece ter consistido principalmente no fato de Josué ter se contentado em desempenhar o papel de servo. O que ele fez durante aqueles dois longos períodos de quarenta dias no Monte? Nós não sabemos. Sabemos apenas que ele subiu com Moisés, e de uma forma quase que incidental ele foi mencionado quando o servo de Deus desceu furiosamente do Monte (Êx 32:17). Sabemos que ele atuou como assistente de Moisés na Tenda do Congregação e que permaneceu ali como uma espécie de zelador sempre que a coluna de nuvens se elevava e Moisés retornava ao acampamento (Êx 33:11). Observamos também que, nesse contexto, ele é classificado como “jovem”, uma descrição que sugere que ele não tinha uma posição especial entre os líderes mais proeminentes.

Pode surpreender-nos descobrir que o aprendizado de Josué como guerreiro consistia em responder aos constantes apelos de uma obra servil. Naquela época ele não ocupava uma posição oficial; mas era apenas o ajudante leal que estava sempre à mão quando necessário. Em seu artigo sobre Liderança, em nossa edição de janeiro, Alec Motyer observa que a Bíblia insiste no fato de que os homens devem ser abatidos, antes que lhes possa ser confiada a liderança. Ele observa: “Dos três grandes líderes, Moisés, Josué e Davi, apenas Josué foi poupado dessas humilhações preliminares, e a provável razão é que não havia necessidade de derrubar Josué – ele já estava humilhado”. Por quarenta longos anos de provas, Josué seguiu com humilde fidelidade nas tarefas diárias do serviço. Esse foi o pano de fundo do homem que andou com Deus em vitória, que seja também o nosso.

Alguns se perguntam se o próprio Moisés apreciava completamente o valor desse seu servo. Não foi ele quem propôs o nome de Josué como seu sucessor. Tudo o que ele pôde fazer foi pedir a Deus que designasse *“um homem sobre esta congregação... para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor”* (Nm 27:16-17). Talvez ele tenha até ficado surpreso quando Deus respondeu que já tinha

escolhido essa pessoa (a quem talvez o velho Moisés ainda considerava um “jovem”) e disse a Moisés para ordenar Josué como o novo líder. Será que ele foi pego de surpresa? Nós não sabemos. Tudo o que sabemos é que mais uma vez: *“fez Moisés como lhe ordenara o Senhor”* (Nm 27:22-23). O Senhor descreveu Josué como *“homem em quem há o Espírito”* (vs 18). Que espírito? Bem, certamente, o espírito do Servo.

3. A Necessidade de Grandeza de Coração

A próxima referência a Josué é encontrada em Números 11:28. A passagem conta como Moisés separou setenta homens como anciãos e essa ação foi confirmada pelo Espírito derramado sobre todo o grupo. Dois desse grupo, no entanto, por motivos conhecidos, não foram à Tenda, mas permaneceram no acampamento. O Espírito nunca se limita a locais especiais, então ainda assim Ele caiu sobre esses dois, assim como fez com os outros sessenta e oito. Ciumento da autoridade de seu mestre Moisés, Josué apelou pela imposição de uma proibição aos dois que não estavam em conformidade com o padrão demandado. Se Moisés poderia ter impedido a manifestação especial do Espírito ou não, não importa, pois ele não tinha intenção de fazê-lo. Sua resposta a Josué demonstrou uma amplitude de entendimento que concede toda a atenção ao Espírito de Deus para agir de maneira soberana. Portanto, Josué teve outra lição para sua caminhada com Deus, a saber, que o Espírito de Deus nunca causará divisão – e nem devemos nós.

Muitos dos pretensos guerreiros de Cristo gastam seu tempo e força discutindo entre si. Não foi o próprio Senhor Jesus Quem respondeu ao pedido de João de proibir um homem que agia em Seu nome, mas não seguia *“com eles”*, dizendo: *“Não proibais; pois quem não é contra vós outros é por vós”*? (Lc 9:50). E não foi o grande apóstolo Paulo quem determinou: *“Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente”*? (Rm 14:5). Se não tomarmos cuidado, o calor da batalha pode nos tornar intolerantes um ao outro. Nós devemos vigiar contra as artimanhas de Satanás. O Maligno sabe como Deus muitas vezes destruiu o poder dos inimigos de Israel, colocando-os um contra o outro, então tenta imitar os métodos de Deus e atenuar a eficácia do Seu povo contra o reino das trevas, provocando dissensões entre eles. Curiosamente, a dissensão muitas vezes se refere a assuntos espirituais.

Sem dúvida, Josué sinceramente estava preocupado com a honra de Deus, mas na verdade estava com ciúmes do homem, não de Deus, como Moisés lhe indicou. Esse espírito deve ser repudiado, uma vez que o importante não é que os homens discutam sobre procedimentos, mas que aceitem o direito soberano de Deus de glorificar a Si mesmo à Sua maneira. Para Josué liderar o povo de Deus em uma batalha vitoriosa, ele deveria aceitar a soberania do Espírito sobre eles, mesmo que

isso não estivesse de acordo com suas idéias ou desejos pessoais. A grandeza do coração é essencial para entrar na batalha com Deus.

4. O Equilíbrio entre a Fé e a Paciência

A próxima referência a Josué é encontrada em Números 13, onde ele e Calebe são os únicos dois homens de fé preparados para aceitar o desafio de seguir em frente com Deus para Canaã. Obviamente esses dois eram homens de fé. Afinal, *“a vitória que vence o mundo é a nossa fé”*. No caso deles, porém, a fé precisou que ser sustentada por longos períodos de provação, para que fosse equilibrada com a paciência. Podemos preferir provas breves e vitórias rápidas, mas na guerra espiritual a paciência é um atributo essencial.

Dois pontos podem ser enfatizados a respeito da fé que marcou Josué e seu companheiro, Calebe. A primeira é que, embora eles estivessem ansiosos por marchar adiante, eles mostraram uma capacidade de restrição notável. Quando o povo viu que os dez espias incrédulos haviam morrido por uma praga de Deus, estavam prontos para reconhecer seu pecado, mas planejaram corrigi-lo e se justificarem por meio de um ataque tardio contra os cananeus na montanha. Isso não teria sido um ato de obediência da fé, *mas uma tentativa carnal de remediar sua incredulidade*. Josué e Calebe não teriam nada a ver com isso. Eles foram os homens que adomestaram o povo a avançar em primeiro lugar, e poderia ter sido fácil para eles sucumbir a esse impulso de incredulidade, mas Moisés e a arca permaneceram no acampamento e eles fizeram o mesmo, *demonstrando que a fé não é entusiasmo carnal, mas obediência à palavra de Deus*.

A palavra central que descreveu a ação do povo foi que *“tentaram subir ao cimo do monte”* (14:44). Há um mundo de diferença entre aventurar-se na fé e assumir posições baseados em autoconfiança. Josué se recusou a *“assumir”* – e nós também devemos, se quisermos entrar em batalha junto com Deus.

Não podemos imaginar o desalento de Josué ao ter ouvido o pronunciamento Divino de que todo o povo estava condenado a passar quarenta anos no deserto. Quarenta anos! Algum de nós poderia enfrentar tal atraso sem se desesperar? Era certo que toda uma geração morreria sem jamais herdar a promessa, enquanto Josué e Calebe tinham que viver, marchar, sofrer e esperar pacientemente com eles pela maturidade do tempo de Deus. Este é um exemplo de como a fé e a paciência foram equilibradas na caminhada de Josué com Deus.

Os trinta e oito anos seguintes lhe deram ampla oportunidade de mostrar paciência

ativa, isto é, a persistência da fé em esperar o tempo de Deus. Será que Josué sentiu que seria chamado à liderança? Será que Calebe esperou por essa honra, apenas para se decepcionar quando Josué foi nomeado? Isso nós não sabemos, mas somos informados que os dois homens não tinham dúvidas sobre o triunfo final. Entre outras coisas, eles tinham o lembrete constante dos ossos de José. Ao longo dos séculos, esses ossos testemunharam das expectativas da fé (Hb 11:22). Moisés teve se certificar de que aquele caixão sagrado fosse carregado pelo Mar Vermelho (Êx 13:19) e o ato quase final da longa vida de Josué foi dar a esses ossos um enterro honrado (Js 24:32). Assim, com as palavras de Deus guardadas na memória e o constante testemunho desses ossos preciosos, Josué continuou andando com Deus em fé e paciência, pronto para quando chegasse a hora, pisar a sola de seus pés ali para tomar posse das promessas.

De fato, seu erro mais grave durante a longa campanha em Canaã estava relacionado a essa questão de paciência. Ele foi enganado pelos gibeonitas porque agiu impulsivamente, sem esperar pela orientação de Deus (Js 9:14-15). Essa foi uma exceção ao seu comportamento normal, e serve para enfatizar seu equilíbrio habitual de fé e paciência. Como vimos no caso de Abraão, o homem que está andando com Deus deve sempre tomar cuidado para não avançar impulsivamente, mas deve se manter sensível à voz mansa e delicada do Espírito.

5. A Capacitação do Espírito

Quando Deus primeiro indicou que Josué deveria suceder a Moisés, Ele o descreveu como um *“homem em quem há o Espírito”* (Nm 27:18), mas ao mesmo tempo instruiu Moisés a impor suas mãos sobre ele. Quando chegou a hora de Josué ser separado com esse fim, somos informados de que *“Josué, filho de Num, estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés impôs sobre ele as mãos”* (Dt 34:9). Essa dupla experiência do Espírito não precisa ser usada para suportar nenhum argumento doutrinário, mas nos lembra do fato do Novo Testamento de que, embora tenhamos a presença do Espírito dentro de nós como posseção permanente, precisamos de Sua perspicácia especial para o serviço e a batalha. Nossa grande arma é *“a espada do Espírito”*.

Talvez o efeito óbvio dessa experiência que ocorreu com Josué foi que, de uma maneira nova, Deus estava *“com ele”*. Esse é certamente o cerne da questão. No caso de Josué, a ênfase é colocada no fato de que, como Deus havia estado com Moisés, ele também estaria com Josué. Os guerreiros das duas tribos e meia enfatizaram isso como a base de sua confiança: *“Tão-somente seja o SENHOR, teu Deus, contigo, como foi com Moisés”* (Js 1:17). Mesmo os mais fracos dentre nós podem enfrentar o conflito e triunfar nele, quando temos a capacitação do Espírito Santo de Deus para nos levar adiante.

Não é minha intenção iniciar um estudo do livro de Josué. Se fizéssemos isso, descobriríamos que esses cinco princípios o governaram durante toda a sua vida de campanha pelo Senhor. Ele usou o poder da oração (Js 7:6; 8:26; 10:14). Ele se dedicou ao serviço altruísta (Js 24:18). Ele demonstrou grandeza de coração, não apenas em relação a dois anciãos incomuns, mas também em relação às duas tribos e meia que preferiam o lado errado da Jordânia (Js 22:6). Sua fé e paciência são vislumbradas em toda a sua história, com a única exceção da experiência gibeonita, que já mencionamos anteriormente. Esses princípios não apenas o trouxeram para as experiências iniciais do capítulo 1, mas também foram característicos de sua persistência constante, até que ele foi capaz de mandar o povo embora: *“Cada um para a sua herança”* (Js 24:28). Josué não apenas travou um bom combate: ele terminou o percurso.

Encerramos esta série com um lembrete de que, quanto mais próximo estivermos de Deus, mais graves serão os conflitos que nos confrontarão. Vamos, então, nos apropriar do que foi dito a Josué: *“Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares”* (Js 1:9).

Texto homônimo de Harry Foster, publicado na Revista *“Toward The Mark”*, Vol 11, no. 6, Nov-Dez de 1982.